



**UNILAB**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARLADO EM HUMANIDADES**

**FLÁVIO ROSÁRIO**

**USOS E COSTUMES DA ETNIA BIJAGÓ  
E AS SUAS RELAÇÕES COM OS DUFUNTUS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2018**

**FLÁVIO ROSÁRIO**

**USOS E COSTUMES DA ETNIA BIJAGÓ  
E AS SUAS RELAÇÕES COM OS DUFUNTUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como um dos requisitos parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Carlindo Fausto António.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2018**

**FLÁVIO ROSÁRIO**

**USOS E COSTUMES DA ETNIA BIJAGÓ  
E AS SUAS RELAÇÕES COM OS DUFUNTUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como um dos requisitos parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, sob a orientação do professor Dr. Carlindo Fausto António.

Aprovado em: 04 de Junho de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

**Carlindo Fausto Antonio - Orientador**

Doutor em Teoria Literária e História da Literatura pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Cristina Teodoro Trinidad - Examinadora**

Doutora em Pedagogia

Efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileiro

**Paulo Alves Junior - Examinador**

Doutor em Sociologia

Efetivo da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>MOTIVAÇÃO PESSOAL PELO TEMA</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>8</b>
<b>4</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>9</b>
4.1	OBJETIVO GERAL	9
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
<b>5</b>	<b>PERGUNTAS DE PARTIDA</b>	<b>9</b>
<b>6</b>	<b>HIPÓTESES</b>	<b>10</b>
<b>7</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>10</b>
7.1	PROCEDIMENTOS DA REALIZAÇÃO DA CERIMÔNIA DO DUFUNTU	10
7.2	IMPORTÂNCIAS DE MULHER NO SEIO DA SOCIEDADE BIJAGÓ	13
<b>8</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>15</b>
<b>9</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>16</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>17</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo será apresentado aqui na forma de projeto de pesquisa. O foco principal é a importância da cerimônia de iniciação feminina, dança do dufuntu<sup>1</sup>, que é realizada especificamente aos espíritos dos rapazes falecidos antes de realizar as suas cerimônias. A pesquisa tem por objetivo estudar o processo da cerimônia de iniciação feminina, a referida dança do dufuntu.

Cabe explicar que a iniciação, feita com a dança do dufuntu, se faz através dos espíritos dos rapazes mortos, que se manifestam, no rito do fanado (rito de passagem). Segundo Silva (2000, p.19) a dança do dufuntu “é uma denominação crioula para o ritual de iniciação feminina, durante o qual as jovens se transfiguram nos rapazes que morreram antes de realizarem a sua iniciação”.

A propósito da discussão de iniciação, o fragmento abaixo é bem ilustrativo e didático no que diz respeito às informações sobre o papel do feminino e do masculino.

Assim temos, de acordo com que Fortes (2011) argumenta, o seguinte:

As jovens entre os 17 e os 25 anos recebem a reencarnação da alma de uma pessoa que já faleceu e esta transformação simbólica das mulheres em homens é mencionada, pelo sócio-antropólogo, como uma forma de apropriação do poder dos homens e da sua utilização para um maior equilíbrio entre os poderes masculino e feminino. Ainda durante esta cerimônia, as jovens recebem ensinamentos para a vida futura que lhes são transmitidos pelas mulheres grandes da tabanca; não se pratica excisão. (PAULA FORTES, 2011, P.3)

O texto de Fortes traz muitos ensinamentos. Podemos afirmar que o estudioso tem razão ou acerta no tocante ao papel das mulheres. Sim, é possível, com tais dados analítico, verificar a importância e o papel da mulher dentro dessa cerimônia de iniciação. É, por outro lado, meio também para procurar entender a origem ou a razão da morte de uma pessoa dentro da aldeia. Isto é, há meios para a compreensão da morte e das relações sociais, culturais e ancestrais entre os membros dessa etnia e a sociedade guineense.

A propósito vale acompanhar a reflexão feita abaixo, que trata dessas relações. Segundo Scantamburlo:

Os ritos de iniciação são ocasiões de repetição dos modos de vida tradicionais. Os mais velhos, ajudando os jovens a aceitar as tradições bijagós, relembram o que lhes

---

<sup>1</sup> *Dufuntu* - é palavra em crioulo da Guiné Bissau para denominar falecido ou defunto.

foi ensinado e os que aprenderam através da sua experiência de vida. (LUIGI SCANTAMBURLO, 1978,p.49)

No ponto de vista do autor, esse rito de passagem é a forma de ajudar permanecer a tradição através dos mais velhos, que sempre aconselham e ensinam os mais novos para aderir à cerimônia.

As normas fundamentais, que o povo Bijagó considera mais importante, de acordo com o texto abaixo, são as seguintes, a saber, respeitar os mais velhos e pagar *grandeza*:

*Que significa do ponto de vista da etnia Bijagó ato de respeito, no qual os jovens da aldeia têm por dever pagar uma parte dos seus produtos aos mais velhos. Estas são as duas normas mais relevantes, que todos bijagós devem aprovar, porque é a forma para doutrinar as lembranças e ser considerado como um elemento importante da comunidade e na comunidade. Portanto, pagar grandeza é ato obrigatório, igualmente é dever e valor que os jovens têm que respeitar (SCANTAMBURLO, 1978, p.61)*

No fragmento que segue, temos que:

Os jovens são obrigados a pagar grandeza aos mais velhos com bens e serviços, significando que os mais moços devem se submeter aos que estejam acima deles. Portanto, os mais moços têm por dever de pagar grandeza aos mais velhos com diferentes produtos: óleo de palma, vinho de palma, peixe, arroz e outros. Por outro lado, os velhos já não têm forças para poder cultivar, pescar e cortar chabéu (dendê), ou seja, alguns trabalhos para obter alimentos. Daí os jovens trabalham e dão uma das suas partes pelos anciãos na aldeia, isso também é a forma de reputação aos mais velhos. Ora, pagar grandeza é a oferenda que se faz na aldeia por diferentes camadas etárias, onde os mais velhos são responsáveis á divisão dos produtos e também eles são beneficiários. No entanto, existe punição rigorosa para os que se recusam a efetuar esse pagamento. (SILVA, 2000, p. 69)

Além disso, de acordo com Silva (2000, p. 78), se algum jovem morre antes de terminar as respectivas cerimônias de iniciação, estará impossibilitado de se juntar e de ser encaminhado ao mundo dos ancestrais. Isto é, o jovem que não fez a cerimônia de iniciação até a sua morte, ele poderá fazê-la pelo meio do rito da iniciação feminina (cerimônia de *Dufuntu*). Entretanto, essa pessoa morta poderá alcançar a continuidade da sua cerimônia através da menina que está realizando esse rito de passagem, no qual ele vai tomar o corpo dela, aliás, o seu “espírito” vai entrar nela.

Outro dado, a ser considerado do ponto de vista da aproximação com o tema da pesquisa, diz respeito à etnia Bijagó. Vamos trata desse ponto nas linhas abaixo.

Essa etnia construiu uma forma própria de representação e de organização social que distingue diferentes camadas sociais por idade, portanto, para ser considerado um bom bijagó terá que vivenciar essas camadas e cumprir com os preceitos cerimoniais.

A sociedade Bijagó é estruturada em faixas etárias, desde tenra idade as pessoas são divididas como tal. Para cada grupo etário existe uma denominação – diferente para homens e mulheres – e cada um se caracteriza por uma indumentária, músicas e danças definidas, sem contar com o trabalho produtivo inerente a este grupo. Existe também uma relação de respeito e obediência total àqueles que lhe são superiores, ou seja, os mais velhos. (FORTES, 2011, p.1)

O autor apresenta informações importantes que são significativas para o estudo da cerimônia. A primeira tem a ver com a própria faixa etária, que designa a fase feminina e masculina na qual cada grupo desempenha o seu papel na sociedade, conforme as regras ditadas pelos mais velhos e que devem ser respeitadas. Além disso, para um indivíduo ser integrado ao corpo social terá que realizar as respectivas cerimônias, especialmente de iniciação que lhe permitirá atingir a maturidade, ser um homem completo e ter conhecimentos concernentes à sociedade no seu todo. Bem, através dessas cerimônias iniciáticas esse povo consegue manter e transmitir os seus valores fundamentais de dependência de grupos. Diante disso, a divisão por faixa etária entre homem e mulher, citado por Luigi Scantamburlo (1978, p. 58), diz:

<i>Idade</i>	<i>Grupos de idade masculinos</i>	<i>Grupos de idade femininos</i>
1	Recém nascido (B. <i>Neéa</i> )	(B. <i>Neéa</i> )
2-6	Crianças pequenas (B. <i>Ongbá</i> ou <i>Opotre</i> )	(B. <i>Ongbá</i> )
7-11	Crianças (B. <i>Kadene</i> )	(---)
12-17	Adolescentes (B. <i>Kanhokam</i> )	(B. <i>Kámpuni</i> )
18-27	Jovens (B. <i>Kabaro</i> ou <i>Karo</i> )	(---)
28-35	Adultos jovens (B. <i>Kamabi</i> ou <i>Kabido</i> )	Mulheres casadas (B. <i>Okanto</i> )
36-55	Adultos (B. <i>Kachuká</i> )	(---)
Após 55	Homens grandes (anciãos) (B. <i>Okotó</i> ou <i>Kabon'a</i> )	Mulheres grandes (ançãs) (B. <i>Okotó</i> ou <i>Kabon'a</i> )

De acordo com o quadro acima citado, Silva argumenta que:

Meninas e meninos têm a mesma categoria de idade até a puberdade, ou seja, até os onze, doze anos. A partir daí, a menina passa à categoria Campuni (adolescente), até o momento do seu rito de passagem, quando recebe o nome de dança do defunto, cerimônias de iniciação femininas. (SILVA, 2000, pag. 77)

A Silva apresenta informação, no que diz respeito à fase de iniciação, em que a menina e menino se apresentam respeitando a mesma categoria de idade.

## 2 MOTIVAÇÃO PESSOAL PELO TEMA

A motivação pelo tema surgiu durante uma das aulas da disciplina *Educação e Relações Étnicas Raciais*, momento no qual pude apresentar uma análise sobre a etnia Bijagó. Na ocasião, respeitando a orientação e o chamamento da professora Cristina Teodoro Trinidad, fiz uma apresentação explicativa da etnia a que pertencço na Guiné-Bissau. No entanto, não conheço a fundo a realidade da etnia Bijagó. Desse modo, resolvi explicá-la com limites e inocência da minha parte. Na apresentação utilizei informações da realidade que convivi com o meu tio e a minha tia, que pertencem a outra etnia.

Outra razão que me impulsionou a estudar o tema tem a ver com minha presença numa cerimônia de iniciação de defunto, que foi realizada na ilha de Bubaque, especificamente na tabanca (aldeia) de Bijante, em que estive com os meus colegas, na altura éramos adolescentes. Repentinamente apareceu uma das mulheres que estava na cerimónia, ela conversou com minha colega, cujo pai havia falecido há muito tempo. A mulher retratou muitas coisas que a menina tinha dito para o pai, depois disso a menina começou a chorar. É importante frisar a realidade que os meus olhos assistiram e o meu pobre corpo adolescente presenciou. Na altura, deu para perceber que o pai da menina “veio” e conversou espiritualmente com a filha através de corpo dessa mulher, que esteve lá dançando, ou melhor, que esteve na cerimónia de iniciação de dufuntu. Esse ato é vulgar na sociedade Bijagó, isto é, é comum durante a dança de dufuntu os familiares conversarem com os seus entes queridos falecidos. Foram estes dois motivos que me levaram para o estudo desse tema. Igualmente, pesquisei sobre a etnia Bijagó a fim de conhecer a minha cultura e ajudar os mais novos a entender a importância da mesma.

## 3 JUSTIFICATIVA

A motivação para a realização deste trabalho de investigação sobre as cerimônias de iniciação do *dufuntu* da etnia Bijagó surgiu inicialmente da minha experiência e dos meus estudos na UNILAB. Há outros elementos ou questões que são importantes do ponto de vista de uma justificativa. Entre outros eu posso citar as relações e modo de vida desse povo e a maneira como a cerimônia pode inserir os Bijagós na cultura e sociedade. Os processos educativos e os conhecimentos repassados aos jovens, pela ancestralidade, no período da iniciação, são pontos que merecem estudos acadêmicos. Por outro lado, compreender os



valores filosóficos e orientadores da sociedade e de uma cosmogonia Bijagó complementam os propósitos dessa pesquisa. Por outro ângulo, queremos conhecer a fundo o rito de iniciação feminina e a organização matrilinear, questões que são justificadoras também do projeto.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVOS GERAIS**

- ✓ Compreender o processo do rito da iniciação feminina (cerimônia de *dufuntu*) no seio da etnia Bijagó.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Verificar o motivo e a importância do rito da iniciação feminina (cerimônia de *dufuntu*) e o papel da mulher dentro dessa cerimônia iniciática;
- ✓ Mostrar o papel equilibrante do ritual para as trocas ou restituição das energias masculinas e femininas;
- ✓ Revelar, a partir da cerimônia, os processos educativos, sociais e da cosmogonia Bijagó;

## **5 PERGUNTAS DE PARTIDA**

A pergunta de partida da pesquisa tem dois pontos convergentes, ou seja, a cerimônia em si e a sua relação com a etnia Bijagó e/ou com uma cosmogonia desse povo.

- ✓ Qual a importância e como se organiza e estrutura o rito da iniciação feminina (cerimônia do *dufuntu*) para o povo Bijagó?
- ✓ Qual a relevância dessa manifestação cultural para a cosmogonia Bijagó?

## 6 HIPOTÉSES

A nossa hipótese central é que o ritual de iniciação apresenta os mecanismos para o ingresso dos jovens na sociedade e nas tradições dos Bijagós e, ao mesmo tempo, possibilita o ingresso numa cosmogonia desse povo.

## 7 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 7.1 PROCEDIMENTOS DA REALIZAÇÃO DA CERIMÔNIA DO DUFUNTU

Este trabalho buscará a fala antropológica levantada a respeito do povo Bijagó, desta forma, procuraremos trazer a fala dos autores e autoras que se debruçarem e investigaram sobre o rito da iniciação feminina. Por outro lado, a nossa pesquisa também se baseará em outra pergunta central será a seguinte: qual o papel, ou seja, qual a importância de mulher bijagó na organização social e cultural?

Relevando o conjunto de teorizações e a manifestação do ritual de dufuntu, uma questão muito significativa é a formulação de uma noção de cosmogonia. Aqui na presente pesquisa, cosmogonia significa um conjunto de relações, entre outras, ancestrais e de compreensão do nascimento, da morte, do casamento e da relação com as divindades, tudo repassado ou relacionado ao rito de iniciação.

Na tese de doutoramento em (2000, p.340) Augel nos presenteia, no seu livro intitulado “*O desafio do escombro*”, um painel explicativo de ritos e cerimônias. A autora afirma que é necessário para se chegar até aos ancestrais e às divindades os rituais. A partir dessa relação, diz a autora, as relações são estabelecidas. Autora quer nos mostrar que na sociedade guineense, através de diferentes etnias, os ritos são elementos fundamentais e essenciais. Portanto as cerimônias e os rituais são considerados bases sagradas que precedem todos os passos e fases da vida cotidiana, isto é, quando uma pessoa for ao *fanado* (rito da iniciação) essa pessoa passa de uma fase para outra.

A passagem de uma fase para outra é feita por etapas em ritos de iniciação. Os mais jovens devem levar uma contribuição aos mais velhos, oferecendo-lhes produtos como a cana do açúcar, *tabaco*, arroz, vinho de palma, etc., e é a isto que se chama o “*pagamento dos grandes*”, obrigatório a partir da classe dos “*cabaro*”, e da qual só os “*homens grandes*” são dispensados. O “*fanado*” é a principal cerimônia dos Bijagós que marca o reconhecimento pela comunidade, e que permite o acesso aos

principais segredos e conhecimentos. (PAULO CARVALHO E BRANCO MADEIRA, 2009, p.29)

Este autor demonstrou que a passagem de uma fase para outra praticamente se faz obrigatoriamente em rito de iniciação, processo no qual os mais jovens têm por obrigação pagar algumas partes das suas produtividades. O texto revela a grande importância que o rito da iniciação tem para este grupo étnico.

Essa cerimônia, o ritual do *fanado*, é costume de algumas etnias na Guiné-Bissau, muito embora a maneira de realizá-la seja totalmente diferente, a depender da etnia, tanto para mulheres e como para os homens. A diversidade é um dado a ser considerado, pois a Guiné-Bissau é um país africano que tem mais de trinta grupos étnicos. Efetivamente, todos os grupos querem e valorizam a sua própria língua, cultura e rituais de maneira diferente. E por outro lado, cada etnia tem a sua estrutura social e diversas maneiras de apresentar rituais funerárias, de nascimento e de casamento. Portanto, pretendemos abordar como é entendida a questão de *dufuntu* pela etnia Bijagó, mas não desconsideremos as informações e estudos referentes às diferentes etnias existentes no seio da sociedade guineenses. A nossa pretensão é desenvolver os aprofundamentos no decorrer da nossa monografia, trabalho que será feito no curso de Antropologia.

Segundo Scantamburlo (1978, p.49), existem cerimônias de iniciação para os homens *manrach*<sup>2</sup> e para as mulheres *Dufuntu*. Portanto ambas as partes se realizam de maneira diferente, por estas razões só os homens podem ter o *manrach*, enquanto as mulheres realizam as cerimônias do *Dufuntu*, não para elas próprias, mas em favor dos espíritos de rapazes mortos que entram nos seus corpos a fim de poder completar as suas cerimônias.

Portanto, o motivo para realização da cerimônia do *dufuntu* tem a ver com a crença de que se um rapaz morre antes de realizar as cerimônias do *manrach*, fica difícil de encontrar o caminho para poder chegar à terra dos seus ancestrais. Ainda Scantamburlo pretende nos explicar que a alma dessa pessoa morta andarà em volta das aldeias e vagueará de ilha em ilha, inquieta, infeliz e por vezes fazendo mal aos vivos.

O ritual de *dufuntu* tem o papel de resolver o problema apresentado acima, isto é, de impedir que a pessoa fique vagando ou perdida, na medida em que possibilidade o encontro do morto com os seus ancestrais. O ritual ou cerimônia da iniciação feminina garante

---

<sup>2</sup> Manrach – irã di fanado em crioulo da Guiné-Bissau que significa para português o espírito protetor das cerimônias de iniciação.

espiritualmente tal realização, ou seja, ele apresenta as condições para a solução a partir do corpo da menina que, na cerimônia, será o meio pelo qual ele chegará aos seus ancestrais.

Para encontrar os seus ancestrais ele terá que entrar num corpo humano. Em outros termos, ele terá de entrar no corpo de uma mulher, que fará, na cerimônia de *dufuntu*, que ele possa encontrar o caminho desejado para *kadjoko kanindo*<sup>3</sup>.

De certa forma, como é entendida a faixa etária da etnia Bijagó, as crianças e adolescentes são inocentes no processo da cerimônia sagrada. Segundo Silva, no seu livro *Por entre as Dórcades Encantadas: os Bijagó da Guiné-Bissau, 2000*, os *Canhocans* (adolescentes) tornam capazes de atingir seu caminho final para a terra dos seus ancestrais. (p.78)

Para realizar cerimônias de iniciação do *dufuntu*, as mulheres escolhem um lugar longe das aldeias; zonas interdidadas aos homens.

No entanto, a propósito vale acompanhar a reflexão feita abaixo, que trata dessas relações. De acordo com Scantamburlo Missionário Antropólogo (1978), temos que:

A melhor altura para aprender acerca do modo e estilo de vida dos Bijagós é durante as cerimônias de iniciação. Retirados na floresta, longe das tarefas quotidianas. Sentem-se livres para imaginar, lembrar e reconstituir a sua perspectiva do mundo e as leis das relações sociais. (SCANTAMBURLO. p.41)

Silva (2000, p.79), durante a permanência no mato sagrado, as jovens *campunis*, as *mulheres*, recebem nomes masculinos. Os nomes masculinos são dos rapazes que morreram antes do ritual de iniciação. As meninas usam roupas, armas masculinas e se portam como os mortos, que estão emprestando os seus corpos. Ali, elas vestem saias tradicionalmente de palha, unguindo o corpo com azeite de palma (dendê) e colocam lenços na cabeça.

No que diz respeito à idade, ou seja, à faixa etária das meninas, segundo Fortes (2011, p.3) participam do ritual as jovens entre os 17 e os 25 anos.

Enquanto que para Scantamburlo (1978), as *Kampunis* (meninas) deve ter o intervalo etário entre 12 anos e 20 anos.

Essa dança de *dufuntu* é uma forma que os espíritos das pessoas mortas procuram para se comunicar com os seus parentes vivos, através das mulheres que estão fazendo esse ritual. Segundo Silva (2000), elas andam de aldeia em aldeia durante as danças do *dufuntu*, os familiares dos rapazes que faleceram antes de fazer as cerimônias do *manrach* reconhecem nas mulheres que dançam as presenças dos seus entes queridos. A incorporação pode ser descrita assim: a menina que está realizando a cerimônias de iniciação nunca irá lembrar-se de

<sup>3</sup> *Kadjoko kanindo* – é palavra em língua da etnia Bijagó que significa, caminho desejado.

coisa alguma que aconteceu com ela no momento que espírito toma o seu corpo. Na verdade, é como se estivesse num sono profundo, sem ter qualquer memória.

Portanto as mulheres ocupam um espaço social único, unindo-se aos ancestrais, fazendo com que haja a ligação com os mortos, restabelecendo a harmonia dentro da aldeia. Após as cerimônias de *dufuntu* elas serão respeitadas e consideradas mulheres poderosas e herdeiras dentro da aldeia, também elas vão participar em todas as demais cerimônias da comunidade, pois estão iniciadas e prontas para vivenciar os valores e as responsabilidades dos Bijagós.

De acordo com Scantamburlo (1978), quando as danças acabam, elas retomam o seu estatuto verdadeiro. Permanecem no lugar dos velhos durante dez dias, usando lindas saias e presentes que lhes deixam mais responsáveis. A partir desta altura são chamadas *kamabi*, como os jovens adultos.

De acordo com um dos nossos entrevistados, ou seja, informantes. O pessoal que fez essas cerimônias ocorridas no local sagrado estabelece segredo, não podendo ser revelado a ninguém. Se revelar o segredo será morto e ninguém vai ser acusado por isso.

## 7.2 IMPORTÂNCIAS DE MULHER NO SEIO DA SOCIEDADE BIJAGÓ

Maiorias dos autores que analisaram a sociedade Bijagó a consideram estruturada num matriarcado. Tudo isso tem a ver com a disposição que as mulheres tomam nesta sociedade. De acordo com Fortes (2011, p.2) o termo matriarcado deriva, respectivamente, do latim e do grego, onde *mater* faz referência à mãe e *archein* (arca) a governar, reinar. Sendo isso, a sociedade dita matriarcal é o tipo de sociedade na qual o poder é exercido pelas mulheres, em especial pelas mães.

Segundo Eva kipp (1994, P. 11-12) a etnia Bijagó é composta por quatro clãs: Oraga, Orakuma, Ominka e Ogubane. Por outro lado, para entender a importância das mulheres bijagó, podemos tomar em conta a atribuição de Okinka (chefe das mulheres ou rainha) que tem poder de decretar e organizar cerimônias na tabanca (aldeia). Enquanto Oronho (chefe de aldeia ou rei), ele é figura principal da administração política, religiosa, social e econômica de toda comunidade. Todavia, sucessivamente lado a lado com Okinka.

A propósito vale acompanhar a reflexão feita abaixo, que trata dessa importância na sociedade Bijagó.

Na sociedade Bijagó, a mulher tem poder para decidir como é que se faz a cerimónia, quais os rituais, para que, em que momento e é seguida por um grupo de mulheres que, durante um certo tempo, não se dedicam ao trabalho produtivo ao qual estão tradicionalmente destinadas mas a si próprias. Entre si discutem o que acharem conveniente, dentro de determinadas regras sociais que são postas aos Bijagós, mas só entre si; e isso por vezes pode levar meses. O tempo, só elas é que decidem. (PAULA FORTES, 2011, p. 3)

Na perspectiva do autor, no tocante ao papel das mulheres referido acima, é possível com tais dados verificar o poder e dever das mulheres dentro dessa sociedade.

Segundo Eva Kipp (1994 p. 11-12), na concepção do grupo Bijagó, o mundo surgiu de seguinte forma :

A vida começou assim: Nindo<sup>4</sup> (Deus), o Criador, existiu sempre, e no início da vida, foi criada a primeira ilha – a ilha de Orango – que era o mundo. Mais tarde chegou um homem e sua mulher, de nome Akapakama. Eles tiveram quatro filhas a quem deram os nomes de Orakuma, Ominka, Ogubane e Oraga. A seguir surgiram os animais e plantas. Cada uma das filhas de Akapakama teve por sua vez, vários filhos, os quais receberam por parte do avô direitos especiais. Os de Orakuma receberam a terra e a direção das cerimônias nela realizadas, bem como o direito de fazer as estatuetas do Irã, tendo sido a primeira executada por Orakuma e feita à imagem de Deus. Este direito seria também dado por Orakuma às suas irmãs. Os de Ominka receberam o mar e passaram a ocupar-se da pesca. Os de Oraga receberam a natureza com as bolanhas e as palmeiras, o que lhes daria riqueza. Os de Ogubane receberam o poder da chuva e do vento podendo desencadeá-los, controlando assim o sucede das épocas da seca e das chuvas. Assim, as quatro irmãs, desempenhavam funções diferentes, mas que se complementavam. É esta a razão que, segundo a lenda, explica o papel muito importante que as mulheres desempenham na sociedade bijagó. (EVA KIPP 1994, p. 11-12)

Portanto, Kipp apresenta como surgiu o mundo na concepção desse povo e a importância e responsabilidade que as mulheres têm na sociedade Bijagó, através das filhas de Akapakama.

Desse modo, as mulheres são consideradas como figuras importantes dentro da sociedade. Também tomemos em conta algumas informações, que são passadas pelos mais velhos e mais velhas. Eles dizem que antigamente as mulheres podiam fazer as suas escolhas sobre maridos, ou melhor, uma mulher podia escolher o seu marido. Enquanto que atualmente essa pratica ocorre raramente; porém as duas partes podem tomar a decisão.

---

<sup>4</sup> Nindo é idealizado como um ser que está acima de tudo, difícil de ver e de contactar.

## 8 METODOLOGIA

O caminho para construir a pesquisa será feito a partir de referenciais bibliográficos, que cuidem da iniciação do dufuntu, do papel da mulher e do equilíbrio social das energias masculinas e femininas e, no mesmo exercício de compreensão, dos processos educativos para o ingresso no mundo adulto e na ordem social.

Outro passo metodológico será dado com as entrevistas semi-estruturadas (que no decorrer de entrevista o entrevistador pode fazer perguntas adicionais), neste caso os (as) entrevistados (as) serão alunas e alunos da etnia Bijagó, que estudam na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – Campus dos Malês sediada no estado da Bahia. Por outro lado, procuraremos organizações não-governamentais (ONGs) que trabalham com o tema levantada aqui, como *Tiniguena* ( esta terra é nossa) e outras organizações em Guiné-Bissau.

Em termos de abordagem, vale afirmar que o presente trabalho é compreendido a pesquisa qualitativa. Concernente aos objetivos, consideremos a nossa pesquisa de explicativa, que podemos entender na visão do Gil (2002), é o tipo de pesquisa que focaliza o principal e identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Neste caso, este tipo de pesquisa é a base fundamental para investigador chegar a sua meta. Porque ajuda a compreender as coisas de melhor maneira possível. Por outro lado, apropriaremos desta explicação de maneira eficaz para poder atingir o objetivo da nossa indagação.

Na percepção de Chizzotti (2003) existem diferentes tradições de pesquisa que invocam o título qualitativo, partilhando o pressuposto básico de que a investigação dos fenômenos humanos, sempre saturados de razão, liberdade e vontade, estão possuídas de características específicas: criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas interações sociais e podem ser descritas e analisadas, prescindindo de qualificações estatísticas. Certamente possibilitará a analisar e interpretação os usos e costumes da etnia Bijagó, através destes métodos acima citados que vão servir de caminhos viáveis a fim de nos responder a questão da nossa pesquisa.

## 9 CRONOGRAMA

Atividades a serem desenvolvidas por ano / semestre	2018-2019		2019-2020		2020-2021	
	1º semestre	2º Semestre	3º semestre	4º Semestre	5º Semestre	6º Semestre
Aulas presenciais						
Seleção de materiais de leitura bibliográfica						
Confecções de fichamento da bibliografia.						
Reelaboração do Projeto						
Construção do texto da Monografia						
Defesa						



## REFERÊNCIAS

- BULL, Benjamim Pinto, *O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, INEP, Bissau, 1989.
- CARLOS, Antônio Gil. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Editora Atlas. 2002.
- CARVALHO, João Paulo e BRANCO, Madeira. **A Gestão do Espaço e da Propriedade Tradicional no Arquipélago dos Bijagós**. Universidade Técnica de Lisboa /Lisboa. 2009
- CHIZZOTTI, Antonio. **A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução**, ano/vol.16, número 002. Universidade do Minho, Braga, Portugal Pp.221-236. 2003
- EVA Kipp, Guiné-Bissau, Aspectos da vida de um Povo **União Nacional de Artistas e Escritores**. Editorial Inquérito, Men Martins, 1994, p. 11- 12.
- FORTES, Paula. **Os Bijagós, sociedade matriarcal?** ([h\\_p://www.buala.org/pt/a-ler/bijagos-sociedade-matriarcal](http://www.buala.org/pt/a-ler/bijagos-sociedade-matriarcal)), ano 19.02.2011.
- INSTITUTO DA BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS. **Estratégia Nacional para as Áreas Protegidas e a conservação da Biodiversidade na Guiné Bissau – DRAFT**. Bissau, p 58, 2007
- IUCN Commission on National Parks and Protected Areas, *Guideline for Protected Area Management Categories: Lignes Directrices Pour Les Catégories de Gestion Des Aires Protégées*, IUCN – World Conservation Monitoring Center, Gland, 1994.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MORAIS, José Pedro. **Artigo s /nº. Os Desafios da Globalização em Africa**. Revista elo nº 73. Portugal / Lisboa. 1998.
- MUNANGA, kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos penesb, Niterói, Editora da UFF, no 5, p. 15-34, 2004.
- ROQUE, Sílvia. **Um retrato da violência contra mulheres na Guiné-Bissau**. Relatório. Junho de 2011. Disponível em [http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/907\\_VAW%20study\\_completed\\_FINAL.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/907_VAW%20study_completed_FINAL.pdf). Acesso 21 maio 2017.
- ROQUE, Sílvia; NEGRÃO, Sara. **Mulheres e violências combater a violência: propostas para a Guiné-Bissau**, p.3-32, Lisboa, julho de 2009. Disponível em: [http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/375\\_ManualMulheresEViolenciasGB.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/375_ManualMulheresEViolenciasGB.pdf). Acesso 27 maio 2017.
- SCANTAMBURLO, L. **Etnologia dos Bijagós da ilha de Bubaque**. Instituto Nacional de Estudos, e Pesquisa, Bissau, 1978.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, D. DE MELO. **Por entre as Dórcades Encantadas: os Bijagós da Guiné-Bissau**, São Paulo: Terceira Margem, 2000.

**ANEXO**

A República da Guiné-Bissau situa-se na costa Ocidental da África e tem extensão de 36.125 quilômetros quadrados. Limita-se ao norte com a República do Senegal, ao Sul com República da Guiné-Conacry, e ao Leste deserto de shaara e ao Oeste com o Oceano Atlântico. O clima tropical é úmido; há alternância de seca e chuva. A chuva começa em maio e termina em novembro, o calor é intenso entre abril e julho e o frio é comum no final de novembro até o fim de janeiro. É dividida por duas partes: uma é Continental e outra Insular. E nessa zona insular da Guiné-Bissau que é chamado de Arquipélago dos Bijagós. Maioria de habitantes naturalmente são os Bijagós. Esse arquipélago cobre uma superfície de cerca de 1625 km<sup>2</sup> e é composto por 88 ilhas, das quais somente vinte e uma são habitadas. Foi classificado em 1996 pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) como Reserva Ecológica da Biosfera. O conjunto das ilhas que formam o arquipélago está dividido em cinco zonas geográficas: 1. Leste: as Ilhas Galinhas, Canhabaque, Soga, Rubane e Bubaque; 2. Sul: Orangozinho, Meneque, Canogo, Orango Grande; 3. Oeste: Uno, Uracane, Eguba, Unhocomozinho e Unhocomo; 4. Noroeste: Caravela e Carache; 5. Nordeste: Formosa, Ponta e Maio. Administrativamente, a região de Bolama-Bijagós encontra-se dividida em quatro sectores, sendo estes: Bolama, Bubaque, Caravela e Uno. Em cada sector encontra-se um administrador de sector e um governador para toda a região.